



ACADEMIA CANTAGALENSE DE LETRAS

O jardim do Barão

João Bôsko Bon

Burburinho festivo na rua do Gama's Bar. A animação toma conta dos jovens que aguardam, com risos e flertes, o início da Boate Som do Cantagalo Esporte Clube, às 22h30. Fuscas luzidios diminuem a marcha ao trafegarem pela rua repleta. Tênis All Star e camisetas surfwear dão o tom da moda. É o começo do Rock Brasil; os Paralamas alçam o sucesso. No rastro de três acordes estridentes e da batida primal do movimento punk, a Legião Urbana começa a recrutar seus legionários cantagalenses.

Já é noite alta. No banco circular que abraça o largo tronco da mangueira centenária, os seresteiros afinam seus bordões sob a luz intermitente e amarelada do poste. Logo, aveludadas vozes entoam "Noite cheia de estrelas", e acalentam os sonhos dos comerciantes libaneses do centro da cidade. Um DKV é visto cruzando a estreita rua à frente da porta principal do Fórum. No Bar do Janjão ainda se ouve o estalar das bolas de bilhar nas derradeiras tacadas da madrugada.

Amanhecer ensolarado. Melros se agitam nas copas das palmeiras e entoam longos gorjeios. Um coral de pardais, sanhaços e sabiás se levanta, emoldurando com melodias a solenidade cívica na erva de Euclides da Cunha. Professor Baptista já havia começado o discurso, sob olhar grave e metálico do seu próprio busto, imortalizado no bronze. Perfiladas, alunas do Curso Normal revezam a atenção entre as palavras e os pássaros.

Quentura da tarde de domingo amenizada pelas sombras das alfarrobeiras. Donzelas em longos e ornados vestidos cruzam as alamedas sinuosas e floridas, rumo ao recém inaugurado coreto. Vitrais no teto e simulações de galhos retorcidos dão o tom arquitetônico da nova edificação pública do centro da cidade. O silêncio é quebrado pelo



ACADEMIA CANTAGALENSE DE LETRAS

tropel dos animais tangidos na rua principal e pelo tilintar da manivela que insiste em dar partida ao “pé de bode” recém abastecido na bomba postada frente ao pórtico de acesso ao “senadinho”.

A noite novamente se avizinha. Em uma das janelas do solar, Augusto de Sousa Brandão, o Segundo Barão de Cantagalo, contempla, voltando os olhos para a esquerda, a fachada da Igreja do Santíssimo Sacramento. Mas o que lhe prende a atenção não são os cânticos entoados em latim na cerimônia da Hora do Ângelus. Lançando o olhar na direção oposta, vislumbra, demoradamente, o perímetro de pedra recentemente erguido por escravizados sob suas ordens. Os blocos de granito vindos da Fazenda de Santana atenderam perfeitamente ao seu propósito. Neste instante, talvez, um pensamento lhe tenha povoado a mente: “Agora, Cantagalo terá um logradouro à altura da sua importância! Um jardim para atravessar os tempos, e ser desfrutado por inúmeras gerações!”. O Jardim do Barão.